

Marcha das Mulheres protesta novamente contra Trump e desigualdade de gêneros

Manifestação acontece em cidades como Washington, Nova York e Los Angeles pelo segundo ano seguido.

[\(G1, 20/01/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Dezenas de milhares de pessoas foram às ruas de cidades nos Estados Unidos neste sábado (20) para a segunda Marcha das Mulheres, a fim de manifestar o seu repúdio ao presidente Donald Trump no dia em que ele completa o primeiro aniversário na Presidência.

Com seu epicentro em Washington, as marchas esperavam ser muito mais modestas do que há um ano, quando uma estimativa de três milhões de pessoas em todo o país protestaram contra a chegada do magnata à Casa Branca.

Beautiful weather all over our great country, a perfect day for all Women to March. Get out there now to celebrate the historic milestones and unprecedented economic success and wealth creation that has taken place over the last 12 months. Lowest female unemployment in 18 years!

— Donald J. Trump (@realDonaldTrump) [20 de janeiro de 2018](#)

Em sua conta no Twitter, Trump ironizou a manifestação. “Belo clima em todo o país, um dia perfeito para todas as mulheres marcharem. Saiam para celebrar as marcas históricas e o sucesso econômico sem precedentes e a criação de riquezas que passou a existir nos últimos 12 anos. Menor taxa de desemprego feminino dos últimos 18 anos”, escreveu.

Mas as manifestações deste fim de semana esperam manter a chama da resistência com a mensagem “Power to the Polls” (Poder às urnas), com o

objetivo de estimular a votação e potencializar a participação das mulheres nas eleições de meio de mandato de novembro, na qual uma cifra recorde de mulheres disputam um cargo.

Os manifestantes se reuniram em Washington, Nova York, Chicago, Denver e outras cidades americanas neste sábado, muitos vestindo os famosos gorros cor de rosa com orelhas de gato, conhecidos como “pussy hats”, uma referência à fala sexista de Trump – registrada em uma gravação – de que era capaz de “pegar pela xoxota” (by the pussy, no original em inglês) impunemente as mulheres que desejava.

“Fomos à primeira marcha das mulheres, mas sentimos que nosso trabalho não está terminado e que há muito mais que precisamos conquistar”, disse à agência de notícia France Presse (AFP) Tanaquil Elton, de 14 anos, que foi ao protesto em 2017 e retornou neste sábado em Washington com sua mãe.



Manifestantes se reúnem para segunda Marcha das Mulheres, em Washington (Foto: ANDREW CABALLERO-REYNOLDS / AFP)

“Sei que o mundo que me cerca não é de cores alegres, dá medo. Mas estou emocionada de ser capaz de conquistá-lo”, disse, vestindo uma roupa de Super-Mulher.

Sua mãe, Vitessa, uma tenente-coronel do Exército reformada, também se mostrou esperançosa.

“Convivi durante décadas com problemas de assédio sexual e isso está melhorando, mas não está nada perto de onde precisa estar”, disse, usando uma roupa de Mulher-Maravilha, fazendo uma brincadeira com sua filha.



Manifestantes se reúnem para segunda Marcha das Mulheres, em Washington (Foto: Aaron Bernstein/Reuters)

“Os temas que as mulheres enfrentam não estão suficientemente representados em nosso país. Por isso, é um privilégio sermos capazes de sair e tentar fazer algo como cidadãos”, acrescentou.

Milhares de manifestantes seguravam cartazes com mensagens que incluíam “Brigue como uma menina” e “Lugar de mulher é na Casa Branca”.

Mais de 300 povoados e cidades estão organizando marchas e protestos pelo aniversário da posse de Trump, embora nem todos estejam relacionados entre si.



Manifestantes se reúnem para segunda Marcha das Mulheres, em Washington (Foto: AP Photo/Cliff Owen)

‘Dia sem mulher’: o mundo se prepara para uma greve internacional feminina

‘Ni una menos’ na América Latina ou o Marcha das Mulheres dos EUA lideram uma nova era no protesto feminista

[\(El País, 10/02/2017 - acesse no site de origem\)](#)

“Se nosso trabalho não vale, produzam sem nós”. Cecilia Palmeiro, uma das porta-vozes de “[Ni Una Menos](#)”, resume assim por que o grupo de mulheres convoca no próximo 8 de março uma greve nacional feminina na [Argentina](#). Eles não serão as únicas a se levantar e deixar seus postos de trabalho voluntariamente para “protestar contra o feminicídio, a exploração no trabalho/econômica e a desumanização e desierarquização das mulheres”. Mulheres de outros 30 países também planejam fazer a greve, prevendo um histórico [Dia da Mulher](#). Grupos feministas da Austrália, Bolívia, Brasil, Chile, Costa Rica, República Checa, Equador, Inglaterra, França, Alemanha, Guatemala, Honduras, Islândia, Irlanda do Norte, Irlanda, Israel, Itália, México, Nicarágua, Peru, Polônia, Rússia, El Salvador, Escócia, Coreia do Sul, Suécia, Togo, Turquia, Uruguai e EUA confirmaram a convocatória que tem o objetivo de deixar escritórios, lojas, fábricas ou qualquer trabalho sem a presença do sexo feminino para protestar contra as [desigualdades de gênero](#) e a [violência machista](#).

“A ideia é se apropriar da greve como ferramenta política para expressar as nossas demandas e intervir concretamente na ordem da produção”, conta por e-mail esta acadêmica, doutora em [Literatura Latino-americana](#). Ela explica que a greve de 8 de março começou a ser planejada depois [do forte movimento argentino](#) de mulheres de 19 outubro - a chamada quarta-feira negra contra os 200 assassinatos anuais por violência machista no país - e da [segunda-feira negra](#) de 3 de outubro na Polônia, quando milhares de mulheres pararam e protestaram contra a restritiva lei de aborto impulsionada pelo Executivo polaco, que depois foi rechaçada pelo Parlamento pela pressão das marchas. “Entramos em contato com as companheiras polonesas e coreanas, que também tinham parado, para construir uma articulação internacional”, conta.

As ativistas querem se distanciar dos últimos anos marcados pelo marketing do falso empoderamento e da dominação do corporativismo feminista. Uma vertente que dominou a conversa cultural, inclusive nos meios de comunicação, e que esteve empenhada em fabricar líderes com slogans publicitários através de “ideólogas” como [Sheryl Sandberg](#) e outras CEO do mercado ou políticas conservadoras que enfiavam suas camisetas “Isso aqui é uma feminista”, enquanto aplicavam as regras do livre mercado às políticas

da mulher. Como bem resume em tom cômico a comediantista britânica Bridget Christie em *A Book for Her* (Um Livro para Ela) “o feminismo conservador poderia ser resumido da seguinte forma: *Para mim, funcionou, então por que não funcionaria para todo mundo?, ah sim, e quando eu chegar no alto a primeira coisa que vou fazer é colocar obstáculos a todas que tentem seguir meus passos*”.

As ativistas norte-americanas também estão profundamente decepcionadas com essa tendência e, após o sucesso esmagador da [Marcha das Mulheres](#) de 21 de janeiro - apenas em Washington marcharam cerca de 500.000 pessoas -, se sentiram encorajadas para definir o início de uma nova era na luta pela igualdade. “O feminismo do *Lean in* (lema de Sheryl Sandberg) e suas variantes não funciona para a maioria de nós, para aquelas que não têm acesso à autopromoção individual e cujas condições de vida só podem ser melhoradas com políticas que defendem e assegurem os direitos reprodutivos e garantam os direitos trabalhistas. Tal como vemos, essas novas ondas de mobilização feminina devem ser direcionadas para todas essas preocupações de maneira frontal”, conta Davis em sua carta.

As norte-americanas, especialistas em batizar tudo, se permitiram rotular essa nova onda global como a do [Feminismo do 99%](#). Um termo que se distancia das raízes capitalistas dos últimos anos e enfatiza os direitos sociais, com a simbologia herdada dos protestos de [Occupy Wall Street](#) contra o 1% que sustenta a riqueza global.

“Está claro que a resistência à agenda radical de [Trump](#) será liderada por mulheres corajosas lutando pelo nosso futuro”, tuitava recentemente a senadora californiana Kamala Harris. No próximo 8 de março mulheres de todo o mundo vão deixar seus trabalhos para provar isso.

Resistir é preciso, por Rosiska Darcy de Oliveira

Trump mal saíra do baile anos 50, e as mulheres do século XXI já estavam nas ruas anunciando que vão enguiçar esse trator

[\(O Globo, 28/01/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Resistir é preciso. Foi essa a mensagem da Marcha das Mulheres, uma inédita manifestação, simultânea em cinco continentes, contra a brutalidade com que o novo presidente dos Estados Unidos insiste em humilhá-las. E não só a elas.

Trump mal saíra do seu baile estilo anos 50, e as mulheres do século XXI já estavam nas ruas anunciando que vão enguiçar esse trator, movido a atraso e ódio, que ameaça esmagar seus direitos duramente conquistados. Madonna pegou o microfone e avisou: “Lutamos pela liberdade de sermos o que somos e de sermos iguais. Vamos manifestar juntos porque assim, a cada passo da travessia dessa escuridão, dessa era da tirania que é o governo Trump, não teremos medo”.

A Marcha das Mulheres que se espalhou por centenas de cidades americanas e do mundo foi uma irrupção do inesperado. Pelo seu imenso porte, uma surpresa, até mesmo para quem a convocou. É uma aula de democracia contemporânea, do modo de fazer política em tempos de internet e globalização, quando cada um decide em seu foro íntimo que luta quer lutar e joga no mundo sua convocatória. Uma advogada aposentada criou um perfil no Facebook convocando à marcha. Recebeu uma avalanche de adesões. A indignação individual floresceu em ação coletiva.

Vai ser um duro enfrentamento. Afinal, as mulheres são persistentes. Vêm quebrando um paradigma milenar que lhes negava o reconhecimento de sua plena humanidade. Conquistaram direitos de que não estão dispostas a abrir mão e forjaram uma ideia clara do seu lugar no mundo contemporâneo. Espalhadas em todos os continentes, estão em todas as casas, são mães de família, profissionais, cientistas, juízas, celebridades, anônimas. De todas as

cores, idades e nacionalidades. São metade da humanidade. O homem mais poderoso da Terra, que exprime um genuíno desprezo por elas, não contava com um adversário dessa envergadura, saindo de cada porta. Seu arsenal nuclear, seus agentes da CIA podem pouco contra elas, que mostram a cara e dizem nas ruas sua indignação. As mulheres em movimento são como a floresta que assombrou Macbeth.

Elas sabem por que o conservadorismo as tem na mira. Um dos ingredientes principais desse veneno é o inconformismo com a perda da supremacia dos homens nas famílias e nos múltiplos espaços da sociedade trazida pela emancipação das mulheres. Sentindo o chão fugir debaixo dos pés, os Trumps da vida querem ressuscitar um mundo em agonia. São eles que se sentem mais atingidos e roubados em suas prerrogativas de autoridade, justamente esses que se habituaram a ter nelas o par perfeito, as bonecas para dançar “My way”, elas que não faziam caminho nenhum, que não iam a parte alguma.

Como conviver agora com mulheres que sabem o que querem e o que não querem, falam com voz própria, afirmam o direito sobre seu próprio corpo e desejo, que levam à prisão espancadores e estupradores? E ainda ousam se candidatar à Presidência dos Estados Unidos! Tudo isso vira de pernas para o ar o mundo em que esses homens estavam instalados, como um direito natural, imutável. A reação vem amadurecendo há muito tempo e se personificou agora, de forma caricatural no presidente recém-eleito dos Estados Unidos. Faz parte da caricatura acreditar que piadas obscenas, gestos agressivos, insultos e ameaças intimidariam e calariam as mulheres. Mas as ruas se coloriram no primeiro grande gesto de resistência a esses tempos de trevas. As mulheres foram as primeiras a protestar defendendo seus direitos e o de todos os que foram agredidos, em nome da civilização por quem se sentem responsáveis e que querem construir com direitos humanos, liberdades individuais e equilíbrio do planeta. Arrastaram multidões.

Fica um alerta: no Brasil também estamos em risco. Uma assustadora onda conservadora, inconformada com o avanço das liberdades, ameaça fazer a História retroceder. No apodrecido Congresso Nacional, um amálgama de fanatismo religioso, bancada da bala e parlamentares de extrema-direita

aproveita o campo de ruínas em que se transformou o sistema político para tentar reverter os direitos conquistados nas últimas décadas por mulheres e gays, para coibir o avanço da ciência e difundir nas escolas teorias criacionistas.

Não se minimize o perigo dessa aliança sombria. Humanistas que somos, temos o mau hábito de não acreditar em catástrofes. Poucos acreditaram no pesadelo Trump. Quem quer acordar no pesadelo que seria o triunfo dessa aliança? Antes que esse fantasma se materialize, é provável que tenhamos, nós também, que sair às ruas. Resistir é preciso.

Rosiska Darcy de Oliveira é escritora; rosiska.darcy@uol.com.br

Trump proíbe financiamento a entidades que defendem aborto

Além do ato que retira os Estados Unidos da Parceria Transpacífico, o Tratado Transpacífico de Comércio Livre (TPP, sigla em inglês), que iria englobar 40% da economia mundial e 800 milhões de pessoas, o presidente Donald Trump assinou dois outros decretos de grande impacto doméstico.

[\(Agência Brasil, 23/01/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

O primeiro proíbe financiamento do governo federal para organizações não-governamentais estrangeiras que promovam ou paguem o aborto. O segundo congela a contratação de novos servidores nos órgãos do governo federal. Essa medida, porém, não vale para as Forças Armadas, que podem continuar contratando, se necessário.

O decreto sobre o aborto significa, na prática, que o presidente Trump revalidou uma medida da época do ex-presidente Ronald Reagan. A medida veda ajuda dos Estados Unidos a órgãos não-governamentais prestadores de

serviços de saúde, que atuam em outros países, que discutam ou incluam o aborto como uma opção de planejamento familiar.

O decreto deverá ter o apoio de setores religiosos que lutam contra o aborto nos Estados Unidos. Mas a medida vai contra o que defende um segmento da Marcha das Mulheres, que desfilou pelas ruas de Washington, no último sábado (21), protestando contra as políticas anunciadas por Donald Trump.

A legislação dos Estados Unidos já proíbe o uso de dinheiro dos contribuintes americanos para serem usados em serviços de aborto em qualquer lugar, inclusive em países onde o aborto é legal. Mas o decreto assinado hoje constitui um passo à frente, porque também congela o financiamento dos Estados Unidos aos prestadores de cuidados de saúde nos países pobres, se prestadores esses incluírem aconselhamento sobre o aborto ou defendam o aborto.

O decreto que congela novas contratações de servidores para órgãos federais atende aos anseios de setores conservadores, que estavam preocupados com a expansão dos gastos públicos. O receito desses setores era que Donald Trump perdesse o controle da inflação por causa do aumento de despesas.

As três medidas anunciadas por Trump desanuviam o clima de tensão na capital norte-americana, desde que Trump tomou posse.

Clima de campanha

O primeiro fim de semana do presidente Trump na Casa Branca repetiu o clima de campanha. Ele acusou jornalistas de mentirem sobre o número de pessoas que foram assistir sua posse. Segundo o noticiário, havia menos pessoas na posse de Trump do que nas duas posses de Barack Obama, em 2009 e 2013. A imprensa respondeu às acusações de terem mentido com evidências. Os jornais publicam fotos aéreas das posses dos dois presidentes, confirmando a afirmação de que havia realmente um menor número de assistentes na posse de Trump, inclusive em comparação ao número de pessoas que participou da Marcha das Mulheres.

A discussão sobre o tamanho do público acabou provocando um inconformismo dos próprios assessores de Trump, que perceberam que o

debate estava retirando o governo do foco. Eles chegaram a confidenciar a jornalistas que o momento exigia ação e medidas concretas e não discussões sobre quem teve mais público.

Edição: Maria Claudia

Protesto de mulheres contra Trump reúne dezenas de milhares nos EUA

As mesmas avenidas que [Donald Trump](#) não conseguiu encher no dia de sua posse como presidente número 45 dos [Estados Unidos](#) foram tomadas neste sábado, 24 horas depois, por centenas de milhares de pessoas insatisfeitas com o novo ocupante da Casa Branca. Mais de meio milhão de manifestantes, segundo os organizadores, marcharam por Washington D. C. para mostrar a Trump, desde o primeiro dia de seu mandato, que há um Estados Unidos que não está de acordo com sua visão escura e com a agenda ultraconservadora do seu governo. Exigem que, como presidente de todos, respeite as mulheres, as minorias, os imigrantes e os direitos civis. Outras dezenas de milhares de pessoas marcharam em outras cidades, como Nova York, Chicago, Boston e Atlanta, em um protesto que também teve réplicas em outras partes do mundo, de Berlim e Londres a Sydney e Cidade do Cabo.

[\(El País, 21/01/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

Veja também:

[“Toma cuidado Trump, minha geração vota na próxima eleição” \(El País, 21/01/2017\)](#)

Vídeo: [Witness the Women’s March in Washington \(NY Times, 22/01/2017\)](#)

Vídeo: [Three Generations of Women, Marching on Washington \(NY Times, 22/01/2017\)](#)

[What the Marchers in Washington Want, by Anna North \(NY Times,](#)

[21/01/2017\)](#)

[Pictures From Women's Marches on Every Continent \(NY Times, 21/01/2017\)](#)

Mulheres e homens de todas as idades, cores, religiões e origens viajaram de todos os pontos dos Estados Unidos, mas também do Canadá, México e até da Europa para participar da Marcha para as Mulheres, a principal manifestação contra o novo presidente republicano e, tendo em vista os números, possivelmente a maior realizada perto da posse de um presidente norte-americano da história.

“Presidente Trump, eu não votei em você. Dito isto, respeito que seja presidente e quero apoiá-lo, mas primeiro peço que me apoie, apoie minha irmã, minha mãe, minha melhor amiga, todas as pessoas que esperam ansiosamente para ver como sua próxima manobra pode afetar drasticamente as vidas delas”, disse a atriz e ativista Scarlett Johansson, uma das oradoras do protesto que seguiu o mesmo caminho que o desfile inaugural na sexta-feira, do Capitólio até a Casa Branca.



À esquerda, 'National Mall' durante a posse Trump; à direita, a manifestação deste sábado.

Madonna, que fez uma aparição inesperada, pediu que “não aceitem esta nova era de tirania em que não apenas as mulheres estão em perigo, mas

todas as pessoas marginalizadas”. “A revolução começa aqui, este é o começo de uma mudança muito necessária”, disse.

Antes de iniciar a marcha, no palco pouco visível para a densa multidão que tomava o National Mall, na capital norte-americana, também falaram outras estrelas, como as atrizes America Ferrera e Ashley Judd, a cantora Alicia Keys e o documentarista Michael Moore. Também discursaram legisladores democratas, como a senadora Kamala Harris da Califórnia, ativistas de direitos civis, dos imigrantes e das mulheres, como a feminista Gloria Steinem e a presidenta de Planned Parenthood, Cecile Richards. A mensagem foi unânime: um pedido de “resistência” e de firmeza na defesa dos valores e direitos como o casamento igualitário ou a melhoria na saúde adquirida nos últimos anos e que agora estão ameaçados na era Trump – assim como os imigrantes, refugiados, muçulmanos e a comunidade afro-americana.

“Não vão nos intimidar e nem nos silenciar”, proclamou a advogada de direitos civis e ativista Zahra Billoo, que falou “como mulher e como muçulmana”. “Nossa América inclui a todos em nossa preciosa diversidade e exige que marchemos para nos proteger, este é o momento de arregaçar as mangas, ter coragem e estar preparado para trabalhar”, pediu aos manifestantes.

E eles entenderam a mensagem.



Suzanne Matunis, manifestante de 83 anos. S.AYUSO

Suzanne Matunis tem 83 anos, anda em cadeira de rodas e não participava de uma manifestação desde os protestos contra a Guerra do Vietnã nos anos 70. Este sábado, no entanto, viajou da Pensilvânia até Washington, acompanhada de suas três filhas e duas netas. “Não poderia não vir, isso é muito importante”, argumentou. “É importante que as vozes das mulheres sejam ouvidas”.

A mesma preocupação levou Janice Burberry, uma ex-funcionária da ONU aposentada, a tomar um avião de Roma para estar em Washington no sábado, uma cidade que não visitava há décadas. Trump, com sua equipe, especialmente o ultraconservador vice-presidente, Mike Pence, “vai impor um fundamentalismo cristão”, disse. “Não podemos aceitar este passo para trás”.

As palavras de ordem gritadas durante a marcha e proclamada tanto pelos organizadores como pelas centenas de milhares de participantes mostravam o vasto leque de preocupações que gerou nessa grande metade do país que não votou em Trump - [Hillary Clinton](#) recebeu três milhões de votos populares a mais que seu adversário - a vitória do republicano. Assim que ele assumiu a presidência, assinou uma ordem executiva para [reverter a reforma da saúde de seu antecessor](#), o democrata [Barack Obama](#).

Erin McEntee, uma jovem de Rhode Island, agitava um cartaz com uma mensagem simples: “A ACA (a Lei de Proteção e Cuidado ao Paciente, como é chamado o programa de saúde de Obama) salvou minha vida”. “Tenho uma doença mental crônica e agora posso perder meus remédios, meu médico e até meu trabalho”, dizia preocupada. Um pouco mais adiante, Ximena Minuche, de origem equatoriana, exigia respeito aos imigrantes em situação irregular, como ela mesmo foi até recentemente, e como continuam mais de 11 milhões de pessoas que Trump ameaçou deportar.

A Marcha das Mulheres, que começou como uma iniciativa privada de uma mulher que, chocada com a vitória de Trump, perguntou no Facebook a várias de suas amigas se elas se animavam a ir a Washington no dia seguinte à posse, acabou se tornando um fenômeno nacional e até mesmo internacional apoiado por estrelas como Cher, Lena Dunham, Katy Perry e Robert DeNiro. Clinton, embora não tenha participado da organização, deu seu apoio pelas redes sociais.

O que já é considerado uma “outra posse” em Washington tem um denominador comum: a “preocupação e medo” que causou a chegada à presidência dos EUA de alguém tão polêmico, agressivo e misógino como Trump, e a necessidade de demonstrar que as minorias, como um todo, são tão numerosas que “é impossível ignorá-las”, de acordo com os princípios da Marcha.

Essa preocupação é a que levou a mexicana Elena Fortes, ex-diretora do festival Ambulante, a tomar um avião para Washington partindo do país mais insultado por Trump.

Fortes demorou um momento refletindo antes de responder se tinha se sentido mais insultada por Trump como mulher ou como mexicana. “Pelos dois, mas mais como mulher”, terminou respondendo. “Não estamos dispostos a aceitar um presidente de um país vizinho que se expressa sobre as mulheres como fez Trump desde o início da campanha, e também desde muito antes”, disse. Fortes chegou à capital dos EUA acompanhada por cerca de vinte mulheres artistas, comunicadoras e ativistas que compartilham a “oposição absoluta à direção que está tomando não só os EUA, mas em todo o mundo, com o populismo, o giro à direita, a intolerância e um nacionalismo

muito pronunciado”.

“Esperamos que o mundo não recue 300 anos com a chegada de Trump”, disse. O novo presidente dos EUA “é um pouco como um freio de mão que pode bloquear os EUA do resto do mundo”.

Marcha de Mulheres em Washington: resistindo a Trump

A Marcha das Mulheres em Washington é um movimento liderado por mulheres com o intuito de reunir pessoas de todos os gêneros, idades, raças, culturas, afiliações políticas e origens na capital dos EUA no dia 21 de janeiro de 2017 para reafirmar nossa humanidade comum e pronunciar nossa mensagem ousada de resistência e autodeterminação.

[\(http://sxpolitics.org/ - Acesse o site de origem\)](http://sxpolitics.org/)

Reconhecendo que as mulheres têm identidades interseccionais e múltiplas e, portanto, são impactadas por um grande número de questões relativas à justiça social e aos direitos humanos, delineamos uma visão representativa para um governo que se baseia nos princípios de liberdade e justiça para todos/as. Como disse o Dr. M.L King:

“Nossa liberação depende de cada uma de nós. A Marcha das Mulheres em Washington inclui líderes de organizações e comunidades que vêm construindo a base para o progresso social por muitas gerações. Nós acolhemos e agradecemos a vibrante colaboração e honramos o legado dos movimentos anteriores a nós - sufragistas e abolicionistas, o Movimento dos Direitos Civis, o movimento feminista, o Movimento Indígena Americano, Ocupa Wall Street, o movimento pelo Matrimônio Igualitário, o movimento Vidas Negras Importam (Black Lives Matter) e muito outros - e, assim, criamos uma estrutura descentralizada de liderança e definimos como foco

uma agenda ambiciosa, fundamental e abrangente”.

#PORQUEMARCHAMOS

Nós somos hoje empoderadas por que, antes nós, líderes revolucionárias abrimos o caminho para que possamos marchar e reconhecer todas que, no mundo inteiro, lutam por nossas liberdades. Honramos essas mulheres e tantas outras. São elas: #PORQUEMARCHAMOS.

Por que o vagão rosa é um retrocesso e não uma solução para as mulheres

(Brasil Post, 04/07/2014) Em um mundo ideal, indivíduos não são “encoxados” no transporte público. Em um mundo ideal, as mulheres não são aconselhadas a não usar roupa curta para evitar um estupro. Em um mundo ideal, homens sabem desde pequenos que as mulheres são donas de seu próprio corpo e não existem para sua satisfação. Em um mundo ideal, as mulheres não são segregadas para evitar violência sexual.

São Paulo se distanciou um pouco mais de um lugar ideal nesta sexta-feira (04) quando sua Assembleia Legislativa aprovou a obrigatoriedade de vagão exclusivo para as mulheres, o chamado “vagão rosa”.



Mulheres no vagão rosa de Brasília | Fábio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil

Há quem comemore a decisão, quem diga que é um avanço no combate à violência contra a mulher, quem se sinta segura no vagão rosa e apoie a ideia, mas eu quero explicar neste texto por que eu sou contra essa decisão.

1) Segregar não é a solução. A solução, como em vários problemas sociais que vivemos, está na educação. Homens PRECISAM aprender que o corpo das mulheres não lhes pertence. É uma questão cultural que tem a ver com a forma como as mulheres são vistas (e se enxergam também) como objetos para satisfação masculina, com a cultura do estupro, com a ideia de que “aproveitar a oportunidade” de estar em um vagão lotado para “se dar bem e passar a mão na novinha”. É pior, achar que não é nada de mais ou que ela pediu porque estava de saia curta. Repeito e convivência pacífica, resumindo. Como a Marcha das Mulheres afirma: “Consideramos esse projeto um grande problema, pois propõe que, para os homens pararem de assediar as mulheres no transporte, somos nós mulheres que devemos perder o direito de entrar em todos vagões e ônibus. É um problema porque somos 52% da população, e em São Paulo representamos 58% dos(as) usuários(as) dos serviços de transporte público.”

2) Pare de culpar a vítima. Se não houvesse mulheres no metrô não haveria encoxada, certo? ERRADO, óbvio. Mas é essa a mensagem que o vagão rosa passa. Como se as mulheres deveriam ser separadas do “normal” - o que naturalmente evoca uma citação do clássico “O Segundo Sexo”, de Simone de

Beauvoir. “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”, já dizia uma das mais famosas obras feministas. Importante frisar: eu não estou sugerindo a criação de um “vagão azul” para segregar os homens por causa disso (ou pelo fato de que somos maioria no metrô), isso seria simplesmente idiota. O que eu quero frisar é que o assédio é resultado da cultura do estupro tão evidenciada pela pesquisa do Ipea que foi duramente criticada e provocou o movimento #NãoMereçoSerEstuprada. Ninguém pede pra ser estuprada ou abusada em lugar nenhum porque ninguém tem o direito de invadir o espaço alheio. Separar a vítima do agressor é dar liberdade a ele. Como disse a socióloga Marília Moschkovich em um artigo publicado na Carta Capital: “As mulheres, que sofrem as agressões, são confinadas a um espaço limitado. Quer dizer: além dos assédios que limitam nossa liberdade, as políticas públicas que deveriam combatê-los fazem o mesmo. Não faz o menor sentido, não tem a menor lógica. Para sermos livres precisamos ser menos livres – é isso, mesmo?”

3) Pênis > Cérebro? Separar homens de mulheres no espaço público pressupõe que os homens são incapazes de conter seu desejo sexual ao ver uma mulher. Veja se não é o monstro da cultura do estupro aparecendo aqui novamente? Nessa lógica, o homem se isenta da responsabilidade do assédio porque ele é incapaz de controlar seu órgão sexual. Tradução: impunidade.

4) Heteronormatividade. Agora vamos fingir que homens não abusam outros homens e mulheres não abusam mulheres? Cito outro trecho do texto da Marília: “Separar as mulheres dos homens no transporte público, além de tudo que já mencionei, ainda reforça essa ideia retrógrada e surreal de que a heterossexualidade e heteroafetividade são o “normal”, o “natural”, e de que relacionamentos gays e lésbicos são exceção, aberração, etc. Ou seja, no fim das contas, políticas como essa do vagão exclusivo estão muito mais para Marco Feliciano do que para Simone de Beauvoir.”

5) Ignorando todos os itens acima, o vagão rosa já mostrou que não funciona. Uma reportagem do Globo publicada no ano passado mostrou que homens usam o vagão rosa no Rio de Janeiro (onde já é lei desde 2006) porque não há fiscalização. “Eles entram e ainda querem bater boca com as mulheres que

reclamam. Já vi situações revoltantes, de o carro ter vários homens sentados, uma mulher grávida entrar, e ninguém falar nada”, disse uma entrevistada pelo Globo. Procuradas pela reportagem, as empresas de transporte disseram que o desrespeito é um problema comportamental. Não brinca? Pois é exatamente o que eu disse acima. Não vai funcionar.

Antes dessa aprovação, a marca Dermacyd, em uma tentativa de se aproximar das suas clientes, fez uma campanha em prol do vagão rosa. A marca diz que os casos de assédio têm se tornado mais frequentes e violentos e, por isso, precisam ter um fim rapidamente, porque “as mulheres que vão voltar para casa no fim do dia de hoje não podem esperar a solução definitiva”. E vão sair do vagão rosa para correr o risco de serem assediadas no brete corredor do metrô, na rua, a caminho de casa, talvez até na própria casa? Não sei vocês, mas esse definitivamente não é o caminho que eu quero seguir para avançarmos no combate à violência contra a mulher. E não digo isso somente como mulher... Penso que a decisão da Assembleia de São Paulo marca uma falha nossa como sociedade.

Gabriela Loureiro, repórter de mundo do Brasil Post

Acesse o site de origem: [Por que o vagão rosa é um retrocesso e não uma solução para as mulheres](#)